

O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Este jornal publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem ler e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas (que fica a arbitrio quanto á importancia, não excedendo de 2\$000 reis por trimestre.)

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno I.

Theresina 14 de Outubro de 1868.

Numero 6

O AMIGO DO POVO.

Theresina 13 de Outubro de 1868.

A hereditariedade, a sagração, a etiqueta, a omnipotencia, e a magnificencia *real*—são outros tantos absurdos, que admira como teem sido tolerados neste seculo que se diz das luzes.

Em o n. 4 deste periodico já tratamos da *sagração*: hoje trataremos perfunctoriamente da magnificencia, e mais logo nos occuparemos daquelles outros absurdos que fazem a vergonha da civilisação moderna.

O luxo da casa *real* tem sua origem n'uma partilha leonina; segundo a qual o chefe do estado *monarchico* apodera-se da melhor parte da riqueza publica.

Demonstremos o descaramento com que é feita a dotação; o logro que soffre o thesouro nacional.

Nem um empregado existe—excepto o rei—que alem de seu ordenado, alias fabuloso, tenha direito a que o estado lhe sustente a mulher, os filhos, os genros ou noras, os netos, os irmãos & !!!

Um pobre empregado publico, por pouco que ganhe—é para si e para toda a sua familia, por mais numerosa que esta seja; o *rei*, porem, esse parasita coroadado, que ganha milhões,—não tem dinheiro que chegue se não para elle só,—sendo ainda preciso que seus proprios filhos sejam sustentados a custa do estado!

Escarneo ao bom senso; insulto aos que pagão tributos!

O filho do *rei*, desde que nasce tem logo um pingue ordenado: ora, este sempre suppõe a remuneração de um trabalho qualquer, e entretanto a *ditosa creança*, que ainda não engatinha, já tem um ordenado de presidente de provincia! E para fazer o que?...

Uma creança não precisa de 6 contos de reis para comprar leite ou papas; não precisa mesmo de um vintem—quando tem pai e mãe a quem incumbe prover-lhe do necessario á vida.

E' um luxo estúpido—esse ordenado dado aos principes, desde o berço; com o que demasiadamente cedo se corrompem aquelles que alias tinhão direito de ser como os outros meninos; isto é *inno-*

centes creaturas que a seus paes—tudo devem neste mundo; dependendo delles, desde o berço até a juventude: assim educados não deixão de tributar-lhes—amor e respeito.

Quando a creança não deve ao pai a manutenção da vida,—como acontece com o pobre orphão,—fica elle com o coração vazio, se por ventura não emprega o seu amor naquelle que simplesmente o ha creado.

O principe, sustentado pelo estado,—mas, ficticiamente, creado por seu pai; não pode deixar de se resentir desta educação viciosa, embora de luxo.

Voltemos, porem, á exaggeração da dotação, que é a origem da magnificencia do *rei*.

Dois milhões de cruzados para ordenado do chefe da nação é um desperdicio *precipuo*.

Com tanto dinheiro, raros serão os que se occupem de promover o bem geral... Cresus, só terá olhos para contemplar o seu ouro; Lacullo, só terá bocca para saborear os manjares opiparos das mesas lautas.

Rarissimos, como Salomão, reunirão a sabedoria—á magnificencia.

O luxo na casa do *rei* é indicio de miseria nas choupanas dos subditos: o luxo da casa do *rei* é pois mantido illicitamente, embora com hypocrisia se aponte para uma intitulada lei que o autorise. Na verdade, é preciso roubar a muitos para se poder sustentar a magnificencia de um só—q' não tem solida riqueza, legitimamente adquirida,—nem tam pouco um direito incontestavel d'onde possa auferil-a.

Ainda teremos occasião de voltar a este assumpto; n'outro numero deste periodico.

PARTE SYNTHETICA.

Maximas e pensamentos.

..

Ha certos homens que em apodrecendo, moralmente fallando,—é melhor deixar-se que elles alvejem os ossos em completo esquecimento, do que tentar-se reanimá-los, como se com effeito ainda tivessem alguma coisa de são—no corrompido co-

ração, — nos bronchios carcomidos, — nas veias varicosas.

Uma intelligencia clarissima, e um coração bem recto: são dons preciosos, — mais raros que os bellos diamantes e as formosas perolas.

O governo torna-se um centauro, quando o povo se deixa cavalgar.

A moderna hydra de Lerna não é combatida por um Hercules; entretanto as 7 cabeças renascem — sempre que o monstro se lembra de mudar de pelle, conforme a sua hedionda constituição.

Um rei vale por um exercito no recebimento de seu soldo; mas não faz o mesmo que meia duzia de soldados na peleja!

O bom empregado publico não é aquelle a quem se corrompe com um *ordenado soberbo*: o bom empregado é aquelle que bem serve, antes estimulado pela consciencia da propria dignidade — do que pela pingue remuneração pecuniaria.

VARIEDADES.

O rei Carcharias ou Requin.

Um allemão, residente em Petropolis, tendo mulher, ~~três filhas e um filho~~ ~~três filhas e um filho~~ — passava modestamente com a renda annual de 1:000\$000 reis, e com isso dava-se por muito feliz: um dia sahio de casa, para ir tratar de certo negocio, e então acontecêo-lhe a seguinte aventura.

Pondo-se de viagem, chegou até onde se encontra uma magnifica bahia: era isto por uma das mais lindas tardes dos climas tropicães, — d'essas tardes que nos poemas ou nos romances costumão ser descriptas com côres deslumbrantes.

O viajor approximou-se á praia d'aquelle pequeno mediterraneo, afim de observar de perto — uma cabeça enorme, e, cousa estranha! *auri-luzente*, — que por acaso tinha visto elevar-se repentinamente sobre as aguas, em sitio não longe de terra.

Admirado; approximou-se cada vez mais, até tocar com os pés nas fimbrias de escumilha d'esse manto cerúleo com que se cobre a formosa esposa de Nerêo. . . .

Então a cabeça *auri-luzente* ergueo-se ainda mais, e dirigio a palavra ao allemão; dizendo que quem fallava-lhe era o rei dos peixes, que se comprazia em revellar a um habitante da terra — que elle residia n'um bellissimo castello de aljófar; n'um immenso palacio encantado, — aonde fruia, com sua companheira e suas duas filhas, — uma felicidade perpetua, maudita, ineffavel!

O allemão, julgando que sonhava, arregalou bem os olhos e apurou muito mais os ouvidos; procurando em fim capacitar-se de que os sentidos não o iludião o que realmente se achava acordado.

Então, por sua vez, dirigio tambem a palavra ao rei dos peixes, — procurando saber em que era que consistia a sua ventura; essa felicidade de que elle parecia fazer alarde.

Replicando, o rei *Carcharias* fez saber que elle era o soberano senhor de 10 milhões de diversos peixes, inclusive os squalos, seus cortezãos, e que devorava dos subditos, diariamente, tanto quanto bastaria para sustento de 5:600 pessoas; isto é, 800 vezes mais do que aquillo que consumia o allemão com toda sua familia!!!

Referio mais que a senhora *Requin* alimentava-se como se fosse 672 senhoras terrestres, e que cada uma das suas pequenas *Requins*, logo ao nascer, valião seguramente por 42 moças!

« Em fim, disse o rei dos peixes, se eu fosse homem como tu, eis aqui — qual seria a minha alimentação diaria: 15 bois, 15 alqueires de farinha e de arroz, 6 arrobas de toucinho, — $\frac{1}{2}$ arroba de chá, 12 arrobas de assucar, 3 arrobas de manteiga, 4:000 pães & . . . ! ! !

« Se minha companheira fosse mulher, — comeria n'um só dia 2 bois, 1 $\frac{1}{2}$ alqueires de farinha e de arroz, 24 libras de toucinho, — 2 libras de chá, 1 $\frac{1}{2}$ arrobas de assucar, 12 libras de manteiga, 480 pães & !

« Cada uma das minhas filhas, continuou o rei dos peixes, — no dia de seu nascimento se sustentaria logo com tantas provisões que te bastarião e á tua familia para seis dias! »

O allemão ficou horrorisado com uma tão descommunal voracidade, e pensou consigo mesmo que era uma felicidade para a humanidade que o rei dos peixes não vivesse se não dentro das ondas profundas e amargas que encerrão tantos monstros, até desconhecidos!

— Mas, é nisso que fazeis consistir a vossa . . . decantada felicidade? Perguntou, hesitando, o pobre filho da terra de Hoffmann.

« Achás tu — que é pouca felicidade ter-se o poder de devastar os equóreos campos, que nem um diluvio de lagartas, ou uma espessa nuvem de galanotos, quando apparece nas searas do lavrador? »

« Achás, então, que não é uma grande ventura — o ter-se o dom de devorar aos outros, como se fossemos uma chusma de lobos que os accomettesse? »

« Achás, de véras, que é pouca dita — o ter-se a faculdade de comer espantosamente, como um cancro que fosse do tamanho de uma bahia? »

« E' pouca fortuna — o ser-se rei dos peixes? »
— Oh! disse o allemão espantado; isto, é horrivel; isto, é monstruoso! . . . Tremo, quando me lembro que sois capaz de arremear-vos sobre mim: posto que esteja fóra dos vossos dominios!

« Fallas atrevidamente; mas, não tenhas medo; por quanto, sou *magnanimo*: jantei hoje 75 arrobas de carne bem alva, além de muitos milheiros de ostras, caranguejos, mexilhões &; avista do que, achás-me agora um pouco disposto a aturar-te. »

— Bem; isto me tranquillisa alguma cousa, replicou o allemão; mas, devo dizer-vos, *magnanimo* rei, que um jantar de 75 arrobas de carne, para

um só individuo, deve ser infallivelmente prejudicial à prosperidade de vossos dominios. Receio bastante pelos vossos subditos; os quaes vos devem necessariamente reputar como —um inimigo commum; visto que tendes uma medonha voragem na bocca. Digo mais; tendes *Scylla* nos dentes; *Charybdes* na guêla; *Maelstrom* no estomago!

« E' nisto, justamente, que consiste a minha magestade; bem como na força de minhas barbatanas, — esse sceptro duplice com que zombo das tempestades! » Disse o rei dos peixes, com ênphasis; deixando ver a mais viva satisfação.

—*Requin*, soberano senhor dos abysmos! Sem querêr nem de leve offender-vos; não posso, contudo, deixar de dizer-vos que sois summamente perigoso, na sociedade dos seres marítimos; visto que é tão monstruosa a execravel potencia de vossas mandibulas!

« Que são *invioláveis e sagradas!* » Replicou, de mau humor, o senhor absoluto das aguas da formosa bahia.

—Não é preciso que vos enfaleis; o que é necessario é q' tenhaes commiseração dos fracos e dos pequenos peixes; quando por ventura não a queiraes ter para com os *caçõs* q' são tambem o terror da arraia miuda. E dizendo isto, o judicioso allemão afastou-se precipitadamente da praia.

« Deves mesmo afastar-te de mim, mau conselheiro; ruim legislador do esôphago; — utopista de mau gosto! . . . Sabe que na terra tambem ha peixes, como nas aguas; tubarões, como no mar! Eu irei apparecer em sonhos ao primo *Gabriel*, para que castigue a tua ousadia; visto que pretendeste aconselhar insensatamente a um senhor tão poderoso como eu sou! »

E arrebatadamente o grande *Carchariás*, sym-bolo da *mono*-potencia, — espadanando as aguas, — mergulhou, rugindo; em quanto o allemão continuava a sua viagem, todo pensativo, — scismando n'aquella singular aventura. Elle, com effeito, imaginava-se inteiramente desgraçado; acreditando que o rei dos peixes d'aquella especie de mediterraneo, não se esqueceria de apparecer em sonhos ao tubarão da terra! . . .

Exposição nacional.

Medalha constitucional.

1.ª classe.

VERSO:

« Art. 99. A pessoa do imperador é *inviolavel* e sagrada: elle não está sujeito a responsabilidade alguma. »

VALE 1 PAÇO:

REVERSO.

« Art. 179 § VII. Todo o cidadão tem em sua casa um asylo *inviolavel*. De noite não se poderá entrar nella senão por seu consentimento & &.

VALE 1:500:000 fogos.

Qual vale mais, — o verso ou o reverso da medalha? O paço; ou 1:500 mil fogos?

A palavra *inviolavel*, no verso, está gravada admiravelmente; em quanto que no reverso — mal se distingue, principalmente a particula negativa — *in* — que entra na composição do vocabulo.

E' preciso refundir-se a medalha: a perfeição numismatica pede isso: o mais pequeno defeito em um rumisma — pode tornal-o suspeito de falso.

Vamos á fundição! . . .

TRANSCRIPÇÃO.

Que cousa seja tiranno.

Tiranno era o nome com que os gregos (esses verdadeiros homens) appellidavão aquelles a quem nós chamamos reis. E quantos ou por força, ou por astucia, ou ainda por vontade do povo ou dos grandes obtinhão as redeas absolutas do governo, e se reputavão e erão mais poderosos que as leis: todos indistincta e alternadamente erão, pelos antigos, chamados reis ou tirannos.

Com o andar do tempo veio a tornar-se execravel este nome: e tal necessariamente se devia tornar. Por isso em nossos dias aquelles mesmos principes, que a tirannia exercitão, gravemente se offendem de que lhes chamem tirannos. Similhante confusão de nomes e de idéias tem posto uma tal differença entré nós e os antigos, que entre elles um Tito, um Trajano, ou outro inda mais raro principe, se podia mui bem chamar tiranno; e da mesma sorte entre nós um Nero, um Tiberis, um Philippe segundo, um Henrique oitavo, ou qualquer outro monstro moderno, que se igualasse aos antigos, se poderia chamar legitimo principe ou rei.

Entre as nações modernas não se dá o nome de tirannos se não (em baixa voz e tremendo) aquelles principes, q' sem formalidade alguma tirão aos subditos a vida, os teres e a honra. Reis ao contrario, ou principes, se chamão aquelles que de todas estas cousas podendo a seu arbitrio dispor, as deixão com tudo aos subditos, ou lh'as não tirão ao menos se não debaixo de algum véo de apparente justiça. E por benignos e justos reis são tidos estes, por que podendo roubar tudo aos outros com plena impunidad, se toma por mérté o que não roubão.

Mas a mesma natureza das cousas está suggerindo a quem pensa — melhor e mais exacta distincção. O nome de tiranno, por isso que hoje é sobre todos odioso, só deveria dar-se aquelles (ou sejam principes, ou mesmo cidadãos) que tem (como quer que a tenham) uma illimitada autoridade de fazer mal: e ainda quando della não abusassem, tão absurdo e contra a natureza é em si mesmo o seu officio, que nem um nome, por mais odioso e infame que seja, o pode fazer aborrecivel bastante. O nome de rei ao contrario, sendo ao presente um pouco menos execrado que o de tiranno, se deveria dar a esses poucos, que refreados por leis, e absolutamente menores que ellas — não vem a ser, na sociedade, se não

uns primeiros magistrados, e meros executores imparciaes das leis estabelecidas.

Esta simples e necessaria distincção, universalmente admittida na Europa, viria a ser a primeira aurora de uma renascente liberdade. Verdade é que nem uma cousa entre os homens é permanente e perpétua; e que (como já o dissêrão tantos sabios) a liberdade, pendendo sempre para a licença, vêm a degenerar em servidão; como o reinar de um só, pendendo sempre para a tirannia, deveria finalmente regenerar-se em liberdade. Mas por isso mesmo que por mais que eu estenda os olhos pela Europa, quasi em todos os paizes não diviso se não rostos de escravos; por isso que a universal oppressão não pode subir a mais; inda que a sempre volúvel roda da fortuna pareça agora estar immovel em favor dos tirannos, todo o homem bom deve crêr e esperar, que não esteja muito distante aquella necessaria alternativa, pela qual deve em fim succeder á uma universal servidão — uma liberdade quasi universal.

(Trat. da Tiran. por *Alfieri*.)

PARTE NOTICIOSA.

EYALET DO PARÁ. — No livah de Belem, os Gregos vencerão a batalha de 7 *Ramadhan*.

EYALET DO MARANHÃO. — No livah de S. Vicente Ferrer, os Gregos tiveram mortos e feridos 16 homens — na batalha do dia 7. Recaia o sangue innocente desses martyres — sobre o manto imperial do Grão Senhor, a quem *Allah* (Deos) um dia tomará severas contas!

EYALET DO CEARÁ. — É incrível as scenas barbaaras que os musulmanos, dos mais fanaticos do imperio, hão commettido alli; onde o pachá Gonçalo mostrou-se digno collega de Suza Mendoza, durante 26 dias — que forão 26 *Saints Barthélemis*!

Até mesmo as formosas Gregas dos livahs de Ipu, Sobral e Icó não teem sido poupadas: alli são ameaçadas de levar bastonadas nos delicados pés, — acolá são separadas violentamente de seus noivos, diante do altar de Christo, — mais além desmaião cuidando ver seus maridos manietados, no meio de uma algazarra infernal, que não tem nome entre povos civilisados!

O Ceará é a patria do *musti Alenk-har*!..... *Allah* o illumine.

EYALET DE PERNAMBUCO. — É alli que se vê as célebres Thermopylas; é alli que se encontra a famosa Missolonghi e a auspiciosa Navarino: entretanto, os Gregos não estão ainda concordes a respeito de quem deva capitaneal-os: se Marco Botzaris, se Alexandre Maurocordato, ou se Theodoro Kolocotroni. Deos queira que este ultimo não comprometta o successo da causa da liberdade, por causa d'alguma rivalidade.

Em varios *sandjakats*, os musulmanos teem exercido miseraveis vinganças contra aquelle povo de heróes; aonde parece que até as formigas odeião a *Mahmoud II*.

THERESOPOLIS. — O fanatico *mollah* Dominico Monturo Pixote, de quem já fallamos em o numero passado deste periodico, — afinal deu sua sentença *badernica* no processo inquisitorial que procedeo contra o editor das obras do hollandez Wanderley; sendo assim caprixosamente condemnado a varios mezes de prisão o pobre Grego Amarilys Sobrera!

O *mollah*, que tem a figura do *petromyzon* dos naturalistas (lamprêa), parece que tem cartilagens até no coração!

O *mollah* é quem devêra ser encarcerado..... n'um muzeo.

Mas, o que querem? *Mahmoud II* ou o seu *musti* servem-se de um tal espantallo para fazer medo aos desditosos *rajás*. ... em vez de o lançar dentro d'um vaso de porcelana da China para em logar competente ser admitado pelos amantes de raridades.

A. CONRADO. — Oxalá que a lamprêa togada tivesse a moralidade daquelle nosso amigo que no 2.º districto de Theresopolis exerceo o cargo que no Brazil corresponde a subdelegado de policia. O capitão A. Conrado ainda não estragou o seu paladar; como aconteceu com aquelle Laponio de 6 pés de alto (cousa incrível!) — que bebe azeite de peixe como quem bebe agua!.....

MUSULMANO JUSTO. — Karl-Martines, um dos mais distinctos *ulemas* (doctores) de Theresopolis, é assaz malvisto por seus correligionarios, — por que não se tem querido constituir algoz dos pobres christãos.

K. Martines, homem de espirito elevado, entende que o mahometismo deve ser propagado por meio tam somente da persuasão; seus correligionarios entendem porem que as suas doutrinas devem ser transmittidas ao grito de: « Crê ou morre! » tendo-se n'uma mão o *Al-Korão* e na outra o curvo *yata-gari* (alfange)!

K. Martines é um coração generoso e uma intelligencia digna da civilisação moderna; não pôde, por isso, ser devidamente apreciado pelos fanaticos inimigos do toucinho.

O MUNDO VIROU. — No destacamento desta capital dá-se um singular phenomeno: Um major é capitão, um capitão é tenente, e dois tenentes são capitães! O mundo virou!!

EXPEDIENTE. — Com este numero, finda-se o 1.º trimestre deste periodico.

Rogamos aos Srs. assignantes que ainda não pagãrão, fação-nos o obsequio de mandar satisfazer seus debitos com brevidade.

Esperamos que os cavalheiros que generosamente se inscreverão como nossos assignantes, se dignem continuar a coadjuvar-nos nesta empresa.

Aquelles que não estão no caso de pagar uma assignatura deste periodico, — continuem como até agora a receber-o gratuitamente na typographia da « Imprensa. » Para mais facilitar-lhes a procura da folha; marcãmos as quintas feiras alternadas, de 15 em 15 dias, á fim de comparecerem ou mandarem á typographia para aquelle fim.